

SMITH, M. Blaine. **Conhecendo a vontade de Deus**. Mundo Cristão, 1983. 140p. Resumido por JLHack em 1986. [Princípios bons e equilibrados].

Parte 1 – Definição do problema

1. Uma preocupação grave

Hoje as decisões são mais complexas para os cristãos devido à grande variedade de oportunidades que ele tem. Isso resulta numa confusão quanto à vontade de Deus para cada um. A confusão aumenta com o excesso de conselhos que circulam nas igrejas: sinais, visões e profecias, sentimentos, lógica. Há opiniões para cada gosto.

2. Conceitos básicos

A frustração de não conhecer a vontade de Deus vem de dois motivos: pensamos que a vontade de Deus deve ser buscada sempre do mesmo modo, e desconhecemos o que significa “vontade de Deus”.

A) Podemos distinguir tipos básicos de decisão: morais diretas (princípios bíblicos claros), morais complicadas (exemplo: aborto), neutras (liberdade de escolha, Rm 14), complexas (exemplo: profissão) e não-morais diretas (exemplo: vestir uma camisa). Iremos nos concentrar nas decisões complexas que, apesar de envolverem princípios morais, exigem orientação adicional. Isto quer dizer que as Escrituras têm um papel específico nesta orientação, porém não como “livro mágico”, que dá respostas corretas quando aberta aleatoriamente.

B) Devemos também distinguir entre o plano futuro de Deus e seu desejo presente. Deus tem um plano para cada um, mas não nos cabe nos preocuparmos com ele (Mt 6.19-34). O conhecimento do futuro (que Deus preparou para nós) não é necessário para tomarmos decisões hoje, e pode ser até prejudicial. Pode nos paralisar de medo (1Sm 28.20). Pode sufocar nossa obediência a Deus (“ele tem de fazer sem importar o que eu faço”). Pode sufocar nossa fé e confiança (já não precisamos viver “por fé”). Pode bloquear o desenvolvimento de nossas faculdades intelectuais (não é preciso tomar decisões; a vida se torna um tédio!).

C) A Bíblia nos desencoraja a tentarmos conhecer o futuro. Quando ela se refere a conhecer a vontade de Deus, usa dois termos gregos: *thelema* (desejo de Deus que requer nossa ajuda para seu cumprimento) ou *boule* (plano imutável de Deus, com ou sem nossa ajuda). Não precisamos conhecer o plano imutável de Deus, e sim o seu desejo para o presente (ao qual podemos obedecer ou não).

D) Deus pode se revelar em ocasiões especiais a pessoas específicas lhes dando conhecimento do futuro. Porém, desde que isto não é o normal, devemos ter o seguinte cuidado: não confundir uma orientação para o presente com uma revelação do futuro. Não podemos determinar qual é a vontade de Deus para o ano que vem. Todas as projeções do plano de Deus (a partir do presente) devem ter a condicional “se o Senhor permitir” (Tg 4.15).

Parte 2 – A responsabilidade de Deus pela orientação e a nossa

3. A promessa de orientação

A primeira coisa que devemos compreender é que a responsabilidade da orientação é de Deus. A Bíblia se refere exaustivamente a promessas de orientação de Deus (Jo 10: Jesus é o pastor). Desde que estejamos dispostos a obedecê-lo (esta é nossa responsabilidade), Deus se encarrega de nos orientar. Isto pode eliminar algumas ansiedades comuns quanto à vontade de Deus: medo de não receber orientação, medo de não a entender, medo de descobrir que decisões passadas foram erradas (por falta de informação: Deus orienta tanto pelas informações que dá como pelas que retém), medo de que meu pecado me desvie completamente do plano de Deus (falando de cristãos consagrados que se acham “perdidos” por causa de seus pecados, tendendo a exagerar o desvio causado pelo pecado).

4. Você está disposto?

O ser humano tem seu papel neste processo de descobrir a vontade de Deus. Este papel tem quatro aspectos básicos: disposição para fazer a vontade de Deus, orar sobre o assunto, estudar a Bíblia, usar o raciocínio. O primeiro passo (estar disposto) se baseia em Rm 12.1-2, em que Paulo coloca duas condições para experimentar (=viver) a vontade de Deus: “apresentai vossos corpos” (colocar-se à disposição) e “não vos..., mas...” (evitar coisas contrárias a Deus e ser transformado pelo Espírito Santo). Em termos práticos, significa fazer o que já sabemos que é a vontade de Deus, e estar disposto a aceitar alternativas que Deus mostre como sua vontade. Em geral já tomamos nossa decisão e esperamos que Deus a aprove. Devemos minimizar os motivos egoístas que nos levam a escolher esta ou aquela alternativa, sabendo, porém, que eles sempre existirão. O verdadeiro problema é modificar nossa resistência a uma alternativa apontada por Deus. Isto pode ser vencido pela oração.

5. O pedido de orientação

A oração é uma necessidade na vida cristã e tem dois objetivos principais neste processo: pedir conhecimento da vontade de Deus e pedir disposição para a realizar. A Bíblia deixa claro que devemos buscar o conhecimento da vontade de Deus (Tg 1.5-6; Js 9). Ele não surge sozinho. A maioria de nós sequer gasta cinco minutos por dia orando sobre isso. Há alguns que tendem para outro extremo, orando incessantemente sobre assuntos sem importância (tipo “o que vestir”, “o que comer”). Neste caso, o melhor é orar pedindo sabedoria nestas pequenas decisões e crer que saberemos decidir corretamente. A ênfase, entretanto, em nossas orações, deve ser no pedido de força e disposição para fazer a vontade do Pai (Mt 26.37 e seguintes). Realizar é mais difícil do que conhecer. Jesus nos ensina a orar pedindo para realizarmos a vontade divina (Mt 6.9 e seguintes). Devemos orar sobre as decisões até que estejamos razoavelmente certos de estarmos preparados para aceitar a vontade do Pai. Tendo pedido conhecimento e disposição, como podemos ouvir a resposta de Deus?

6. Examinando as Escrituras

Ao tentarmos compreender a vontade de Deus, devemos usar nossas mentes para discerni-la (Sl 32.8-9), estudando a Bíblia (para compreender a orientação já dada) e fazendo escolhas lógicas dentre as alternativas (em vez de esperar revelações sobrenaturais). O Sl 1.1-3 mostra a importância do contato diário com as Escrituras, resultando em felicidade e sucesso (do ponto de vista de Deus). As Escrituras nos levam a um maior contato e consciência de Deus e seus princípios. Os salmos contêm muitas orações pedindo orientação (143.8-10; 51.10-12). Mediante o estudo da Bíblia, podemos nos familiarizar com os caminhos e pensamentos de Deus.

7. O uso da nossa mente

Pelos exemplos do AT, aprendemos que devemos usar nosso raciocínio lógico para tomar decisões que glorifiquem a Deus. Paulo exemplifica bem isto (Rm 15.18-24; 1Tm 3.1-13). As decisões normalmente se baseavam em inferências lógicas (At 15.38) e não em sentimento ou revelações sobrenaturais. Deus pode se revelar sobrenaturalmente, mas se o fizer, será bem explícito. Caso contrário, usemos a razão (Cl 1.9; Ef 5.15 e seguintes).

Parte 3 – Abordagens inadequadas

8. Visões, profecias e sinais

Orientação sobrenatural e interior são dois itens muito mal interpretados. A orientação sobrenatural pode ser direta (visão, sinal, sonho, voz, anjo, etc.) ou indireta (profecia de outra pessoa). Também há muitos que “pedem um sinal”. A orientação sobrenatural não é natural na vida do cristão, como muitos pensam. Era comum no AT (Hb 1.1), porém agora temos o Espírito Santo que habita em nós e as Sagradas Escrituras. Vemos que a maioria das decisões do NT não eram tomadas segundo orientações sobrenaturais. Não há declaração alguma na Bíblia que nos instrua a buscá-las. No entanto, Deus é soberano para se revelar assim a nós se quiser.

Quanto a profecias recebidas de outras pessoas, devemos desconsiderá-las. Não há exemplo ou instrução no NT de que se deve considerar profecias como orientação (At 21.4 = Paulo ignora). A profecia pode ser uma predição (e mais comumente, condenação de pecados), porém não orientação. A prática de pedir sinais se origina em Jz 6 com Gideão, mas tem antecedentes no lançar sortes (Pv 16.33; Dt 33.8; Lc 1.9; At 1.25-26). Porém, vemos que depois do Pentecostes isto não acontece mais. O Espírito supre esta necessidade de orientação. O máximo que podemos fazer é pedir a Deus que nos mostre sua vontade em detalhes diretamente ligados à decisão.

9. Em busca de um sinal interior

Alguns cristãos procuram sentir uma impressão intuitiva da liderança exercida pelo Espírito. Julgam que seus sentimentos revelam a vontade de Deus. Não existe base bíblica para isto. Alguns distorcem o sentido de Cl 3.15; 1Jo 4.1 e Rm 14.22-23 para tentar encontrar apoio para a intuição como vontade de Deus. Deus pode se revelar por nossos sentimentos, mas então devemos verificar estes palpites por uso da mente também.

Parte 4 – Como tomar decisões

10. O começo da decisão: considerar os desejos pessoais

Como agir quando queremos tomar uma decisão lógica que glorifique a Cristo? Há quatro itens básicos que devemos considerar: desejos, habilidades, circunstâncias e conselhos. Também devemos distinguir entre decisões maiores (vocação) e menores (dentro das maiores).

Qual é a função dos desejos pessoais em nossas decisões? Temos que chegar a um equilíbrio entre a autonegação e a autoafirmação, sem cair nos extremos. A Bíblia salienta a importância dos desejos (Fp 2.12-13; 1Co 7.1-9; 1Tm 3.1) nas decisões importantes. Deus forma nossa personalidade de modo a nos direcionarmos em certos rumos. Devemos servir a Deus naquilo que mais desejamos. A autonegação necessária se revela na disposição de aceitar alternativas que não desejamos se Deus assim o determinar. Desde que definidas nossas vocações, as decisões menores frequentemente exigirão sacrifícios a fim de cumprimos nossas responsabilidades. Quanto maior o compromisso envolvido, mais devemos testar nossos desejos (experimentando, esperando).

11. Avaliação das habilidades

Muitos acham que andar pela fé significa fazer a vontade de Deus desconsiderando habilidades, desejos, etc. Deus pode suprir uma habilidade para uma tarefa se ele quiser, mas no geral ele já nos dotou de capacidades para certos trabalhos. Devemos descobrir nossas habilidades (e nossos dons espirituais também) por meio da experimentação (em áreas onde o compromisso é limitado) e da autoavaliação (Rm 12.3). Paulo recomenda certas qualificações para os líderes da igreja (1Tm 3). Ao longo da Bíblia, vemos que Deus prepara e capacita seus servos antes de os chamar (Moisés, Davi, Paulo...). Devemos avaliar nossas habilidades, escolhendo dentre elas de acordo com os outros fatores que influenciam nossas decisões. Também devemos desenvolver nossos dons espirituais (1Pe 4.10) para edificação do corpo.

12. Avaliação das oportunidades: portas abertas e fechadas

Outro fator em nossas decisões é a consideração das circunstâncias (portas abertas e fechadas). Uma situação não favorável pode significar um teste de fé ou um sinal para não ir avante. Numa decisão maior, as circunstâncias devem desempenhar apenas um papel sugestivo ou confirmatório. Não são orientação em si e de si mesmas. Nas decisões menores, elas já têm um papel mais definido, sendo a revelação da vontade de Deus para nossas decisões diárias. Uma vez definidas nossas vocações, as circunstâncias que surgirem devem ser avaliadas de acordo com elas.

13. Avaliação dos conselhos recebidos

O Corpo ministra ao indivíduo. Quanto maior a decisão, mais necessidade de compartilhá-la (Pv 12.15; 19.20). O importante é a troca de opiniões que abre novas visões. Conselho não é ordem. Priorize conselhos de familiares, amigos íntimos, líderes cristãos.

14. A decisão final

Dois exemplos práticos. Em muitos casos Deus aguarda até que aceitemos a responsabilidade pela tarefa, para nos abrir o caminho. Quando a vontade de Deus não está clara, devemos supor que ele deseja que tomemos a iniciativa a fim de saber qual é sua vontade. À medida que amadurecemos, nossa parte das decisões será maior (Deus delega mais).